



TÁTA NGANGA KIMBANDA KAMUXINZELÁ
FEITIÇARIA TRADICIONAL BRASILEIRA

A FÓRMULA MÁGICA DA CATÁBASE

SÉRIE:

QUIMBANDA GOÉCIA: A RELIGIÃO CTÔNICA DO OCULTISMO BRASILEIRO

INTRODUÇÃO

Na teologia da Quimbanda, a iniciação é sempre uma descida. Não há ascensão sem que primeiro se desça às profundezas da terra. A *catábase* — o mergulho nas entranhas da Mãe Terra — constitui a fórmula mágica fundamental de uma religião ctônica. No antigo mundo mediterrâneo, o herói descia ao ventre da *terra matter* para renascer. Na Quimbanda, o iniciado penetra a *kalunga*, ventre vivo das profundezas abissais.¹ Ambos os gestos se equivalem: trata-se de morrer para o mundo profano e renascer sob as forças ctônicas do Submundo — o tornar-se Coroado no Inferno. Na Quimbanda a deificação da alma é catabática.

O herói da goécia — seja Maui entre os maoris, Ilmarinen entre os finlandeses, ou Gilgamesh nas tábua cuneiformes da Suméria — representa o arquétipo daquele que ousa atravessar o corpo profundo da Mãe Terra. Ao fazê-lo, confronta a morte, o terror, o labirinto e a boca devoradora do mistério. O iniciado na Quimbanda revive esse mito em carne e espírito. A entrada na cova, o toque da terra, a cachaça, o sangue e a funga reconstituem a mesma travessia — a do ventre que mata e renasce.

Assim como o herói polinésio Maui é cortado em dois pelos dentes da Grande Senhora da Noite — *Hine-nui-te-pō*² —, também o iniciado da Quimbanda deve ser

¹ A *kalunga*, na cosmologia congo-angolana, designa simultaneamente o *oceano primordial*, o *domínio dos mortos* e o limite invisível entre o mundo dos vivos e o dos ancestrais. É o útero e o túmulo cósmico, o ventre das águas abissais de onde toda vida procede e para onde toda existência retorna. Na Quimbanda, a *kalunga* não é metáfora, mas território espiritual real — a dimensão ctônica onde residem os Exus e as Pombagiras, as forças intermediárias entre a vida e a morte (c.f. a *Revista Nganga*, No. 13, *O Reino dos Mortos está em toda parte*). Penetrar o corpo da *kalunga*, no rito iniciático, é descer simbolicamente ao seio da Mãe primordial, morrer para o mundo profano e renascer sob o pacto dos mortos.

O termo tem origem no kongo *kalunga*, que significa *oceano, grandeza infinita*, mas também *Deus e morte* — evidenciando a fusão entre o princípio vital e o princípio ctônico. Nas cosmologias banto, a *kalunga* é o eixo axial do mundo (*mfinda*, floresta, e *nsi*, terra), representando o portal de passagem entre o visível e o invisível. Na Quimbanda brasileira, herdeira direta dessas teologias, a *kalunga* é ritualizada tanto na *Kalunga Grande* (o mar) quanto na *Kalunga Pequena* (o cemitério), ambas concebidas como corpos vivos do Mistério da Mãe.

Penetrar o corpo da *kalunga* é, portanto, atravessar o limiar da morte para obter a vida espiritual ou eterna: o iniciado é devorado e regenerado pelas águas profundas, tal como o herói ctônico que desce ao ventre da *terra matter*. Essa descida constitui o mistério da *catábase* na Quimbanda, a morte voluntária que consagra o adepto como Espírito Ganga. Ver Kimbwandende Kia Bunseki Fu-Kiau. AFRICAN COSMOLOGY OF THE BANTU-KONGO: PRINCIPLES OF LIFE & LIVING. African Tree Press, 2014, pp. 16–22. Ver também Kimbwandende Kia Bunseki Fu-Kiau. SELF-HEALING POWER AND THERAPY: OLD TEACHINGS FROM AFRICA. African Tree Press, 2007, pp. 107–132.

² O mito de Māui e da Grande Senhora da Noite (*Hine-nui-te-pō*) é um dos mais antigos relatos polinésios sobre a origem da mortalidade. Segundo a tradição maori, Māui — semideus e herói cultural — tentou conquistar a imortalidade para a humanidade descendo ao corpo da Deusa da Noite, sua ancestral ctônica. Enquanto ela dormia, Māui procurou atravessar-lhe o ventre e sair por sua boca, revertendo o ciclo da morte. Contudo, os pássaros que o acompanhavam riram ao vê-lo desaparecer, despertando a deusa, que fechou suas mandíbulas e o partiu em dois. Desde então, os homens são mortais, pois o herói faltou em renascer das entranhas da Mãe.

Na leitura simbólica comparada, Māui repete a descida de outros heróis civilizadores — Orfeu, Gilgamesh, Ilmarinen — que tentam penetrar o corpo da Mãe Terra e retornar vivos, instaurando o arquétipo da *catábase*.

dilacerado simbolicamente: separado de sua identidade profana, fragmentado no fogo, na lama e no pó, para ser reconstruído em corpo como um Espírito Ganga. Essa mutilação sagrada é o mistério da *morte voluntária*: o instante em que o adepto entrega o corpo e o nome às forças infernais do Submundo, para que dele nasça um novo ser — um Exu.³

A *catábase* é, portanto, o contrário do *elevacionismo* moderno. É o reconhecimento de que o divino não habita o céu, mas as vísceras da Terra. Descer é o verbo sagrado da Quimbanda. Todo rito de fundamento — o assentamento, o padê, a firmeza — é uma miniatura da *catábase* heroica: cava-se o chão, derrama-se sangue e pólvora, introduz-se o ferro, o fogo e a palavra mágica. O mundo de baixo se abre, e o homem renasce.

O ventre da Mãe, nos mitos antigos, é o labirinto, o abismo, a caverna, o corpo da deusa que devora epare. Em Malekula, nas ilhas do Pacífico, o morto deve decifrar o desenho no chão para não ser engolido pela Senhora dos Mortos. Na Quimbanda, esse mesmo labirinto é representado pelo ponto riscado traçado no chão, onde o iniciado deve reconhecer o caminho entre pólvora e cachaça, entre fogo e fumaça. Se o caminho é desconhecido, ele é devorado — e volta ao pó.

Essa descida perigosa tem uma função filosófica: o iniciado deve descer ao ventre da terra para reencontrar sua alma. Como o herói que entra vivo no inferno, o *kimbanda* entra consciente na *Kalunga*. Ele não é mais o morto que espera julgamento, mas o vivo que desafia a morte para conquistar o saber. A *catábase* não é apenas a travessia da morte — é a conquista do conhecimento, da *gnōsis* infernal.

Na linguagem da Quimbanda, isso significa adquirir o Conhecimento de Si pela boca dos mortos. Os Exus são os antigos heróis e sábios que já realizaram a descida e se tornaram Mestres do Submundo. Convocá-los é reencenar a epopeia do herói ctônico. Quando o iniciado come do padê e sente a chama que sobe do chão, ele revive a antiga fórmula: *Desço, portanto sou*.

A *catábase* é o antídoto contra o idealismo e a fuga do corpo. Ela nos ensina que não há luz sem escuridão, nem renascimento sem putrefação. Por isso a Quimbanda é o espelho invertido da mística ascensional: ela não promete céu, promete corpo — um corpo renascido, alicerçado no ferro, no carvão e no sangue.

Todo herói da goécia — seja São Cipriano, Maui, Orfeu, Gilgamesh ou o próprio Exu — desce ao ventre do mundo em busca da imortalidade. Mas a imortalidade que encontra não é a negação da morte: é sua integração. Assim também é o iniciado da Quimbanda: aquele que morre em vida para nunca mais temer morrer. Essa é uma fórmula mágica para superação da *segunda morte*.

heroica. A devoração pela deusa exprime o mistério da morte iniciática: o ser é absorvido pelo ventre da Mãe para ser recriado. Na teologia da Quimbanda, essa passagem corresponde à dilaceração simbólica do adepto e à sua reconstrução como Espírito Ganga. Ver Mircea Eliade. *RITES AND SYMBOLS OF INITIATION: THE MYSTERIES OF BIRTH AND REBIRTH*. Spring Publications, 2017, pp. 105–109. Ver também Johannes C. Andersen. *MYTHS AND LEGENDS OF THE POLYNESIANS*. Tuttle Publishing, 2012, pp. 23–29.

³ A deificação da alma na Quimbanda manifesta-se por meio das operações mágicas do culto. A alma se alimenta de tudo quanto toca; e, ao tocar o sagrado pela ação ritual, ela inicia um processo de deificação. Assim, o rito de iniciação é, em essência, um rito de divinização. De modo análogo, a possessão — quando a divindade habita o corpo do adepto — é a consumação desse mesmo processo: a alma, inflamada pela presença do Espírito, torna-se divina em ato. O caminho do *kimbanda*, portanto, é tornar-se um Exu em vida, transfigurando-se nas forças e virtudes do próprio culto.

Por isso, um *kimbanda* reconhece em seu *táta-nganga* não apenas o mestre terreno, mas a presença viva de um Exu em carne. A ele se rende a mesma reverência, a mesma piedade e o mesmo temor sagrado que se tributa aos Espíritos. Nesse espelho, cada adepto busca assumir, em vida, as virtudes e os poderes de seu Exu tutelar — até que a fronteira entre o humano e o espiritual se dissolva no fogo do pacto.

O mito ensina que o inferno é o lugar da sabedoria. Quem desce à *kalunga* e volta traz nas mãos o fogo dos mortos e nos olhos o brilho da eternidade. Eis o segredo da Quimbanda: a *goécia brasileira* é uma religião da descida no ventre da terra. A *catábase* é o rito, o mito e o método da Quimbanda.

A FÓRMULA MÁGICA DA CATÁBASE

Quando escrevo sobre a *catábase*, refiro-me não a uma metáfora, mas a uma estrutura filosófica e religiosa que informa todas as formas de magia ctônica — da Grécia antiga à Quimbanda brasileira. *Katábasis* (κατάβασις) significa literalmente *descida*: a passagem do mundo dos vivos ao domínio subterrâneo, seguida ou não de um retorno (*anábasis*). Essa noção aparece tanto nas epopeias homéricas quanto nas práticas dos mistérios órficos e de Eleusis, e foi, segundo Walter Burkert (1931–2015), uma das matrizes do pensamento religioso grego, *onde o contato com os mortos funda a própria experiência do sagrado*.⁴ A descida, nesse contexto, é uma forma de conhecimento: o saber adquirido pela travessia do limiar da morte.

A *catábase*, portanto, não é apenas mito, mas método. Ela define uma forma de epistemologia arcaica em que o conhecimento se adquire por inversão: descer para compreender o alto, morrer para aprender a viver. Esse princípio — presente no mito de Orfeu, na jornada de Ísis, na travessia de Inanna — sobrevive nas religiões afro-diaspóricas como uma estrutura ontológica de iniciação. O iniciado na Quimbanda, ao atravessar a *Kalunga*, repete o gesto de Orfeu diante de Perséfone: ele desce não por curiosidade, mas para restabelecer a reciprocidade entre os mundos. A *catábase* é, assim, uma pedagogia da travessia — o rito que torna o saber inseparável da experiência.

Na tradição grega, a descida estava ligada à ideia de reciprocidade com os deuses ctônicos, como mostrou Ellie Mackin Roberts (n. 1989) em *UNDERWORLD GODS IN ANCIENT GREEK RELIGION*.⁵ Em vez de representar a morte como ruptura, o culto a Hades, Perséfone e Hermes Chthonios estabelecia um sistema de trocas: oferendas, libações e convocações que garantiam equilíbrio entre vivos e mortos. Essa reciprocidade, transposta ao contexto afro-brasileiro, persiste nos fundamentos da Quimbanda, em que cada *padê* é uma comunicação bilateral entre o mundo dos vivos e o subterrâneo, o mundo dos mortos. O sacrifício, em ambos os casos, é mediação e linguagem.⁶

Essa reciprocidade define o núcleo epistemológico da *práxis* mágica da goécia: o saber não nasce da observação, mas da participação. O *goês*, aquele que canta para os mortos, é um operador liminar. Frater Acher (n. 1976), em *GOÉTIC COMMON SENSE*, descreve o *goêta* como o *mediador entre as vozes do mundo e as forças subterrâneas, cuja ciência consiste em ouvir o invisível*.⁷ Essa audição é o modelo de toda *catábase*:

⁴ Walter Burkert. *GREEK RELIGION: ARCHAIC AND CLASSICAL*. Wiley Blackwell, 1985, pp. 196–205. Obra fundamental para a história da religião grega, na qual Burkert, professor da Universidade de Zurique, analisa o caráter ritual da morte simbólica como fundação do sagrado na Grécia arcaica.

⁵ Ellie Mackin Roberts. *UNDERWORLD GODS IN ANCIENT GREEK RELIGION*. Routledge, 2020, pp. 23–44. Historiadora das religiões na University of London, Mackin Roberts analisa a religião ctônica grega como sistema de reciprocidade cultural e não como culto do medo.

⁶ Para um aprofundamento acerca do sacrifício ritual, ver Fernando Liguori. *WANGA: O SEGREDO DO DIABO*. Lube de Autores, 2020.

⁷ Frater Acher. *GOÉTIC COMMON SENSE*. Edição do Autor, 2021, pp. 10–18. Pesquisador e magista alemão, Frater Acher propõe uma releitura moderna da goécia como prática de comunicação do Submundo e não como domínio do mal.

a escuta atenta das potências inferiores, compreendidas não como demônios hostis, mas como princípios de regeneração do Cosmos.

Essa leitura coincide com a proposta de Jake Stratton-Kent (1953–2023), que em *GEOSOPHIA: THE ARGO OF MAGIC* apresenta a *catábase* como o *eixo comum* entre a *goêteia* antiga, e as tradições afro-atlânticas.⁸ O autor identifica no movimento de descida uma estrutura permanente da religião: o contato com o Submundo é o gesto pelo qual o homem reconhece a potência geradora da terra. A *goêteia* não seria, portanto, o contrário da religião, mas o seu fundamento ctônico — aquilo que a filosofia grega posterior tentou suprimir ao distinguir teurgia e goécia.

Quando analisada sob esse prisma, a *catábase* torna-se não um movimento moral de queda, mas uma operação de reciprocidade cosmológica. Descer é reconstituir o equilíbrio entre as ordens de realidade. A Quimbanda representa a forma moderna desse princípio: a descida ao Submundo — à *Kalunga*, aos cemitérios, às cavernas — não é regressão, mas *reconexão*. É o ato pelo qual o mundo dos vivos renova sua aliança com os mortos e, por extensão, com a própria vitalidade do Cosmos.

Esse movimento de descida-retorno tem implicações epistemológicas profundas. Ao contrário da filosofia moderna, que busca o conhecimento pela separação entre sujeito e objeto, a *catábase* propõe uma *epistemologia da contaminação*: o saber surge do contato, do risco e da transformação. O *goês* aprende tornando-se parcial, e não observador. Essa inversão metodológica aproxima a *catábase* das práticas iniciáticas africanas, nas quais o aprendizado se dá pela morte simbólica e pela reorganização da idéidade — o neófito morre para que outro ser, mais complexo, surja.

O vínculo entre a *catábase* grega e a iniciação africana pode ser analisado à luz da teoria da *liminaridade* de Victor Turner (1920–1983), para quem todo rito de passagem implica um estado de suspensão e desestruturação social.⁹ Na descida, o iniciado abandona sua posição anterior e entra em um espaço de ambiguidade controlada, onde categorias ordinárias deixam de valer. É nessa suspensão que o conhecimento se torna possível. A Quimbanda, ao operar nas fronteiras entre moral e amoral, luz e sombra, reproduz exatamente essa dinâmica liminar.

Esse modelo liminar também aparece na hermenêutica contemporânea do *esoterismo ocidental* proposta por Wouter J. Hanegraaff (n. 1961), que define o *conhecimento rejeitado* como forma marginal de sabedoria.¹⁰ Para ele, o esoterismo sempre operou nos interstícios da cultura oficial, convertendo a exclusão em fonte de poder simbólico. A *catábase*, sob esse ponto de vista, é o gesto arquetípico do pensamento marginal: o movimento de descida àquilo que foi negado. A Quimbanda, enquanto religião ctônica, é a institucionalização desse gesto.

A *catábase*, assim compreendida, é a *fórmula mágica da descida*: o princípio pelo qual todo conhecimento oculto é adquirido. Ela glorifica o inferno reconhecendo o valor epistemológico das profundezas abissais da *kalunga*. O infernal, nesse sentido, é apenas o nome simbólico do invisível que sustenta o visível. A religião

⁸ Jake Stratton-Kent. *GEOSOPHIA: THE ARGO OF MAGIC*. Vol. 1. Scarlet Imprint, 2011, pp. 37–55. Magista britânico, Stratton-Kent defende a continuidade entre as práticas da goécia grega e a magia atlântica, concebendo a terra como mediadora entre os mundos.

⁹ Victor Turner. *O PROCESSO RITUAL: ESTRUTURA E ANTIESTRUTURA*. Vozes, 2013, pp. 94–110. Antropólogo britânico, Turner é referência na antropologia dos ritos de passagem, introduzindo a noção de *liminaridade* como espaço de transformação.

¹⁰ Wouter J. Hanegraaff. *ESOTERICISM AND THE ACADEMY: REJECTED KNOWLEDGE IN WESTERN CULTURE*. Cambridge University Press, 2012, pp. 45–60. Historiador holandês, Hanegraaff analisa a marginalização do esoterismo como processo de formação da modernidade ocidental.

ctônica, da Grécia à Quimbanda, conserva essa estrutura: a sabedoria está em descer, não para negar o alto, mas para sustentar o equilíbrio do Cosmos.¹¹

Quando examino a *catábase* como fenômeno cultural, não a interpreto como uma categoria isolada, mas como um *padrão simbólico de mediação* entre o mundo dos vivos e o domínio dos mortos. Essa concepção, presente em diferentes tradições religiosas, define uma das estruturas mais persistentes do imaginário religioso humano: a crença de que o conhecimento só pode ser obtido mediante a travessia dos limites da vida. Jean-Pierre Vernant (1914–2007) demonstrou que, na religião grega, a descida ao Hades era compreendida como uma forma de *conhecimento reverso*, uma aprendizagem pelo negativo — o saber do que está ausente, invisível e silencioso.¹² Essa mesma lógica rege a estrutura ritual da Quimbanda, onde a comunicação com o Submundo é a base de toda revelação.

A *catábase*, em seu sentido operativo, é também um *modelo de memória*. Descer equivale a recordar o que foi esquecido pela consciência diurna. Mircea Eliade (1907–1986), ao estudar os mitos de iniciação, destacou que todo retorno ao útero simbólico da terra implica um *recomeço absoluto*, uma volta às origens do tempo.¹³ Essa regressão ritual tem função de cura e regeneração: ao reencontrar as potências subterrâneas, o iniciado restaura a ordem cósmica em si e no mundo. Na Quimbanda, essa restauração assume a forma de trabalho com os Exus e Pombagiras, deidades que encarnam as forças liminares da criação — nem celestes, nem infernais, mas mediadoras.

A descida, portanto, é uma forma de *anamnesis* — um processo de recordação das origens. Quando o *goês* ou o *kimbanda* moderno realiza sua *catábase*, ele não busca poder, mas memória: relembrar o pacto primordial entre o homem e a terra. Essa dimensão mnemônica distingue a *catábase* do simples ato necromântico. O trabalho com os mortos, tanto na Grécia quanto na Quimbanda, é um exercício de rememoração cósmica: lembrar que toda vida emerge da morte e que todo sagrado nasce do profano. A Quimbanda é, nesse sentido, uma liturgia da lembrança — a religião do retorno.

O estatuto social do operador ctônico — seja o *goês*, o necromante ou o *kimbanda* — é sempre ambíguo. Ele habita a fronteira entre o tabu e a sabedoria, o perigo e o prestígio. Marcel Detienne (1935–2019) observou que o mago antigo era simultaneamente marginal e necessário: excluído da *pólis*, mas indispensável ao seu equilíbrio.¹⁴ Essa tensão entre exclusão e função social reaparece na figura contemporânea do *kimbanda* brasileiro que, embora muitas vezes estigmatizado, preserva o papel ancestral de mediador entre a sociedade e suas sombras.

Essa marginalidade funcional define o que chamo de *epistemologia do submundo*: o saber que se origina nas zonas interditas da cultura. O pensamento da goécia não opera por abstração, mas por contato, e a *catábase* é o dispositivo que permite esse contato. Ao descer, o operador experimenta uma forma de saber incorporado — o conhecimento que não se pensa, mas se sente, se vive, se exaure. Essa

¹¹ Por isso, àquele que diz, a *Quimbanda* é *anticósmica*, de fato fez um trato com o espírito da burrice.

¹² Jean-Pierre Vernant. *MYTH AND THOUGHT AMONG THE GREEKS*. Zone Books, 2006, pp. 195–210. Clássico da história das religiões comparadas; Vernant interpreta o mito da descida como modo de cognição inversa — o pensar que nasce do contato com o invisível.

¹³ Mircea Eliade. *RITES AND SYMBOLS OF INITIATION: THE MYSTERIES OF BIRTH AND REBIRTH*. Spring Publications, 2017, pp. 44–59. O historiador romeno mostra que a descida simbólica é arquétipo universal de regeneração espiritual.

¹⁴ Marcel Detienne. *THE MASTERS OF TRUTH IN ARCHAIC GREECE*. Zone Books, 1999, pp. 102–119. O helenista francês mostra que o mago e o oráculo eram guardiões da verdade, figuras liminares que a *pólis* relegava à margem, mas de quem dependia espiritualmente.

epistemologia é a antítese da ciência aristotélica e, ao mesmo tempo, sua herdeira invertida: onde o filósofo busca a causa formal, o mago feiticeiro a causa vital.

No contexto da *Quimbanda Goécia*, a *catábase* é o fundamento de toda prática ritual. Cada descida ao cemitério, cada oferenda à terra, cada convocação de Exu é uma repetição do gesto cosmogônico: restaurar o equilíbrio entre o alto e o baixo, o espírito e a matéria. Assim como o iniciado dos mistérios de Eleusis descia para reencontrar a deusa e retornar transformado, o adepto da Quimbanda mergulha na *Kalunga* para relembrar o caminho de volta. A descida é rito de morte e, ao mesmo tempo, de retorno ao centro.

A dimensão social desse gesto pode ser compreendida à luz da teoria de Émile Durkheim (1858–1917), para quem toda religião é sistema de solidariedade e de distinção entre o sagrado e o profano.¹⁵ A *catábase*, ao mediar esses dois polos, torna-se mecanismo de coesão comunitária: ela regula o trânsito entre o mundo visível e o invisível, entre a vida cotidiana e a ordem ancestral. Ao participar dos ritos de descida, a comunidade reafirma seu pacto com os mortos e, portanto, consigo mesma.

Do ponto de vista comparativo, esse pacto é reiterado nas religiões do Atlântico Negro. Em sociedades afro-diaspóricas, o culto aos ancestrais constitui a base da ontologia social: o morto é parte ativa da coletividade. A *catábase*, nesse contexto, não é descida individual, mas movimento coletivo de manutenção do Cosmos. Cada ritual da Quimbanda, ao atualizar esse pacto, reproduz a antiga função goécia da religião: preservar o equilíbrio entre os planos por meio do sacrifício e da palavra.

A palavra, nesse sistema, é o verdadeiro veículo da *catábase*. O verbo ritual — seja o cântico do *goês*, seja o ponto cantado do Exu — é a chave que abre o Submundo. Essa performatividade verbal foi descrita por Jâmblico (245–325) em *DE MYSTERICIS*, onde afirma que os nomes divinos não são símbolos arbitrários, mas *portadores da energia dos deuses*.¹⁶ Essa mesma compreensão orienta a prática afro-brasileira: os cânticos e invocações não representam o sagrado, mas o atualizam. O verbo mágico é descida e ascensão simultâneas.

Por isso, a *catábase* não apenas é um tema mitológico, mas uma categoria filosófica da Quimbanda. Ela expressa o princípio operativo da religião ctônica brasileira: o saber que desce para conhecer, o verbo que cria pelo contato com o Submundo. A *fórmula mágica da catábase* é, portanto, o modo como a *Quimbanda Goécia* sistematiza a descida como método de conhecimento, lembrança e reconciliação — não como ruptura com o alto, mas como forma de sustentação do Cosmos.

A *catábase* possui também um aspecto filosófico universal: é a metáfora viva da descida do espírito à matéria, fundamento de toda cosmologia esotérica. Na tradição islâmica, essa dinâmica foi descrita por Avicena (980–1037) como a *emanatio necessaria* — o processo pelo qual o Uno irradia inteligências sucessivas até o mundo sensível.¹⁷ Essa cadeia descendente não é queda, mas manifestação. O mesmo princípio rege as práticas afro-diaspóricas: a descida é necessária para que o espírito se atualize e a vida se renove. A *Quimbanda Goécia*, nesse sentido, preserva

¹⁵ Émile Durkheim. *AS FORMAS ELEMENTARES DE VIDA RELIGIOSA*. Paulus, 2021, pp. 217–230. O sociólogo francês define a religião como sistema de práticas que mantém o laço social mediante a distinção entre sagrado e profano.

¹⁶ Jâmblico. *DE MYSTERIIS*. Clarke, Dillon & Hershbell (Eds.). Society of Biblical Literature, 2003, I:12–14, pp. 111–118. O filósofo sírio Jâmblico foi o primeiro a formular uma teoria dos nomes divinos como operações mágicas reais.

¹⁷ Rosalie Helena de Souza Pereira. *AVICENA: AVICENA: A VIAGEM DA ALMA*. Perspectiva, 2020, pp. 119–132. O filósofo persa Avicena propõe uma cosmologia emanatista na qual o Uno irradia intelectos e almas, estruturando uma hierarquia de causalidade necessária.

a metafísica da descida como elemento constitutivo do Cosmos: sem a *catábase*, não há criação.

A descida, portanto, é o reverso da ascensão: ambas são movimentos complementares do mesmo circuito cósmico. Essa reciprocidade foi expressa com clareza por Proclo (412–485), para quem todo processo de emanação (*prohodos*) implica o retorno (*epistrophē*).¹⁸ A *catábase*, assim, é o aspecto ativo desse processo — o gesto de quem se dispõe a retornar às origens para atualizar a ordem universal. O operador da goécia não busca escapar do mundo, mas restaurar a comunicação entre suas camadas. Ao descer, ele não se afasta do divino, mas o encontra onde a luz é mais densa.

Essa continuidade é o que diferencia a *Quimbanda Goécia* das tradições dualistas. O Submundo não é o oposto do céu, mas o seu espelho. Henry Corbin (1903–1978) chamou esse domínio de *mundus imaginalis*: o mundo intermédio onde espírito e matéria se refletem.¹⁹ A *catábase* é a travessia desse mundo — o aprendizado do imaginário como realidade objetiva. Na experiência do *kimbanda*, essa travessia ocorre através da possessão espiritual, do transe, da visão e do sonho: formas pelas quais o invisível se torna experiência compartilhada.

A dimensão moral da descida não deve ser ignorada. Na ética platônica, descer implica enfrentar a sombra e, como observou Plotino (205–270), *tornar-se semelhante ao que se contempla*.²⁰ A *catábase* é, portanto, uma pedagogia da alteridade: o iniciado aprende a reconhecer em si as potências que teme. Na Quimbanda, isso se traduz no trabalho com Exu e Pombagira, deidades que incorporam o paradoxo moral da criação — a tensão entre o sagrado e o profano. A ética da descida não é purificação pela fuga, mas pela integração consciente das forças da terra.

Essa integração distingue a *Quimbanda Goécia* de qualquer forma de niilismo. A descida não é dissolução de valores, mas sua *rearticulação simbólica*. A magia ctônica, longe de negar a moral, propõe outra: a do equilíbrio entre opositos. Jake Stratton-Kent observa que a goécia *não é culto do mal, mas ciência da reciprocidade cósmica*.²¹ Esse princípio ecoa nas práticas afro-brasileiras, em que o mal não é substância, mas desequilíbrio. O ritual goécia é, assim, operação restaurativa: a cura do Cosmos pela negociação entre forças.

No plano antropológico, a *catábase* corresponde ao que Claude Lévi-Strauss (1908–2009) chamou de *pensamento simbólico em espiral*:²² uma estrutura de ida e volta que reorganiza a experiência social a partir de mitos de passagem. Na Quimbanda, essa espiral é representada pelos *pontos de força* — lugares onde o caminho se dobra sobre si mesmo e o tempo se reinicia. Cada oferenda depositada nesses pontos é uma miniatura do Cosmos, um *micro-ritual* de descida e retorno.

A sociologia da *catábase* revela, portanto, seu papel como mediadora de tensões. Ao operar entre os mundos, o praticante da goécia assume o papel de mediador social, político e espiritual. A religião ctônica, sob esse ponto de vista, é uma

¹⁸ Proclo. OS ELEMENTOS DA TEOLOGIA. Odysseus, 2024, Proposições 23–30. O filósofo platônico sistematiza a cosmologia da emanação e do retorno como estrutura de continuidade entre o Uno e a multiplicidade.

¹⁹ Henry Corbin. TEMPLE AND CONTEMPLATION. Reitledge, 2013, pp. 67–89. Filósofo francês, Corbin elaborou a noção de *mundo imaginal* como campo ontológico real, mediador entre o inteligível e o sensível.

²⁰ Plotino. ENÉADAS. Losada, 2006, VI:9[9], pp. 185–200. O filósofo platônico afirma que o autoconhecimento espiritual exige contato com o mundo material, não negação dele.

²¹ Jake Stratton-Kent. GEOSOPHIA, *op. cit.*, Vol. 2, pp. 77–95. Stratton-Kent argumenta que a goécia é uma prática de reconciliação entre mundos e não de oposição ao divino.

²² Claude Lévi-Strauss. THE SAVAGE MIND. University of Chicago Press, 1968, pp. 243–258. Antropólogo francês, fundador do estruturalismo, Lévi-Strauss descreve o mito e o rito como instrumentos de reorganização simbólica da experiência humana.

instituição de fronteira, que lida com o que a sociedade reprime — morte, desejo, poder. Tal como o *goês* da Grécia arcaica, o *kimbanda* é simultaneamente marginal e necessário, herói e bode expiatório. Sua função é manter o canal aberto entre o alto e o baixo, o consciente e o ancestral.

Essa função mediadora permite compreender a *catábase* como dispositivo epistemológico e político. Ao legitimar o contato com o Submundo, a *Quimbanda Goécia* subverte a hegemonia das religiões solares, restituindo à terra seu estatuto de fonte de sabedoria. O conhecimento, nessa perspectiva, não vem de cima, mas de baixo; não do *logos* abstrato, mas da experiência concreta. Esse gesto epistemológico é revolucionário porque devolve valor ao corpo, à carne, ao sangue — àquilo que a teologia racional havia excluído.

A *fórmula mágica da catábase* é, portanto, a estrutura que sintetiza toda a filosofia da goécia brasileira: o saber pela descida, a regeneração pelo contato, a verdade pelo reflexo. Nela, a tradição grega encontra a africana, o mediterrâneo se funde ao Atlântico, e o infernal se reconcilia com o divino. A religião ctônica do *Ocultismo brasileiro* é a herdeira dessa síntese, e a Quimbanda é sua forma viva — o rito que conserva, na linguagem dos mortos, a sabedoria da terra.

Concluo afirmando que estudar a *catábase* é compreender o fundamento espiritual da Quimbanda: uma religião da descida que não teme o abismo, porque o reconhece como espelho do alto. Ao descer, não busco o inferno, mas o reflexo do céu na terra. Essa é a verdadeira *fórmula mágica da catábase*: o gesto pelo qual o homem reencontra o divino no Submundo transformando o conhecimento em comunhão e a morte em lembrança e regeneração.

